

## MULHERES E COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA: A EXPERIÊNCIA DO TERRITÓRIO AGROEXTRATIVISTA PIROCABA (PA)<sup>1</sup>

## WOMEN AND COUNTER-HEGEMONIC COMMUNICATION: THE EXPERIENCE OF THE AGRO-EXTRACTIVIST TERRITORY PIROCABA (PA)

## MUJERES Y COMUNICACIÓN CONTRAHEGEMÓNICA: LA EXPERIENCIA DEL TERRITORIO AGROEXTRATIVISTA DE PIROCABA (PA)

*Tatiana Nazaré Amaral Ferreira Reis  
Marcela Vecchione Gonçalves*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir a realização de oficinas de fotografia, produção de *podcast* e realização de rodas de conversa como estratégias de pesquisa-ação voltadas para a construção de um processo de comunicação contra-hegemônica com um grupo de mulheres do Território Agroextrativista Pirocaba, em Abaetetuba (Pará). Elas desenvolvem atividades como o extrativismo, a pesca e a agricultura agroecológica, movimentando uma economia feminista e popular que se constitui como instrumento de resistência. O Território Pirocaba, assim como outros territórios da região do Baixo Tocantins, encontra-se ameaçado por grandes projetos de infraestrutura voltados para acelerar a exportação de *commodities*, principalmente a soja e o milho. Os resultados apontam que a utilização da pesquisa-ação como metodologia, além de auxiliar a produção participativa de informação contra-hegemônica, ajudou a amplificar as vozes das mulheres, evidenciando suas práticas produtivas e socioculturais ancoradas em territorialidades que conectam natureza e cultura de forma inseparável.

**Palavras-chave:** Mulheres. Comunicação contra-hegemônica. Agroecologia. Baixo Tocantins. Amazônia.

**Abstract:** The main goal of this paper is to discuss the implementation of photography workshops, podcast production, and discussion groups as action research strategies aimed to build a counter-hegemonic communication process with a group of women from the Pirocaba Agroextractivist Territory in Abaetetuba (Pará). They develop activities such as extractivism, fishing and agroecological agriculture, driving a feminist and popular economy that constitutes an instrument of resistance. The Pirocaba Territory, as well as other territories in the Lower Tocantins region, is threatened by large infrastructure projects aimed at accelerating the export of commodities, mainly soybeans and corn. The results indicate that the use of action research as a methodology, in addition to providing support to the participatory production of counter-hegemonic information, helped to amplify the voices of women, highlighting their productive and sociocultural practices anchored in territorialities that inseparably connect nature and culture.

**Keywords:** Women. Counter-hegemonic communication. Agroecology. Baixo Tocantins region. Amazon.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es discutir la realización de talleres de fotografía, producción de podcasts y círculos de conversación como estrategias de investigación-acción encaminadas a construir un proceso de comunicación contrahegemónico con un grupo de mujeres del Territorio Agroextractivista de Pirocaba, en Abaetetuba (Pará). Desarrollan actividades como el extractivismo y la agricultura

agroecológica, impulsando una economía feminista y popular que constituye un instrumento de resistencia. El territorio de Pirocaba y otros territorios de Abaetetuba, en la región del Baixo Tocantins, están amenazados por grandes proyectos de infraestructura destinados a acelerar la exportación de materias primas, principalmente soja y maíz. Los resultados indican que el uso de la investigación acción como metodología, además de ayudar a la producción participativa de información contrahegemónica, ayudó a amplificar las voces de las mujeres, resaltando sus prácticas productivas y socioculturales ancladas en territorialidades que conectan naturaleza y cultura de manera inseparable.

**Palabras clave:** Mujeres. Comunicación contrahegemónica. Agroecología. Baixo Tocantins. Amazonas.

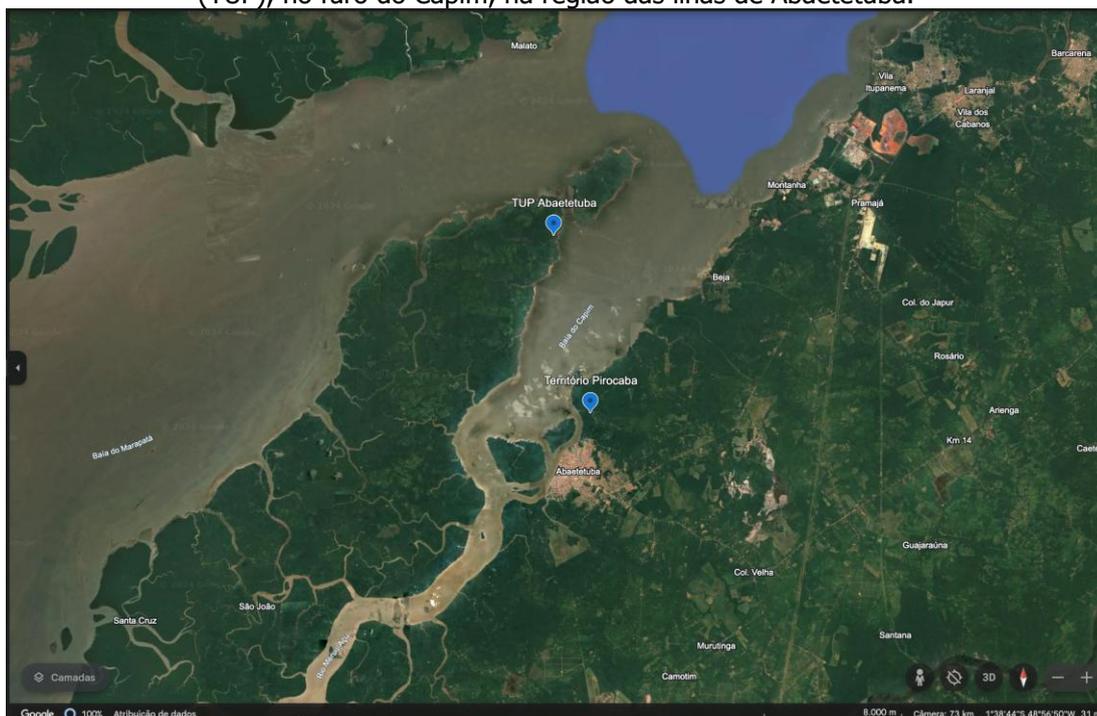
## 1 INTRODUÇÃO

O Território Agroextrativista Pirocaba, assim como diversos territórios tradicionais localizados na região do Baixo Tocantins, no Pará, encontra-se ameaçado pela instalação de projetos de infraestrutura voltados para acelerar a exportação de *commodities* na região amazônica, em especial a soja e o milho. Essas ameaças se intensificaram quando foi lançado o projeto do Terminal de Uso Privado (TUP) da multinacional alimentícia Cargill, na ilha de Urubuêua, em Abaetetuba (Figura 1).

A instalação do TUP Abaetetuba, localizado mais precisamente no Furo do Capim, poderá impactar, entre outras atividades, a pesca, o transporte fluvial e a produção agroextrativista de diversos territórios tradicionais, como ribeirinhos e quilombolas, na região das ilhas de Abaetetuba, segundo pesquisas realizadas sobre o tema (CARDOSO; RODRIGUES; SOBREIRO FILHO, 2022).

O Território Agroextrativista Pirocaba, com registros de formação desde 1890, conforme seu Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada (PCPLI, 2018), abriga cerca de 300 famílias, segundo a Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesãos do Pirocaba (ASAPAP, 2024). O acesso ao território é possível tanto por via terrestre, pela rodovia PA-409 e ramal do Jarumã, quanto por via fluvial, utilizando o rio Pirocaba. Os moradores transitam cotidianamente entre suas margens, seja com o uso de canoas ou rabetas<sup>2</sup>.

**Figura 1** - Território Pirocaba em relação à área do Terminal de Uso Privado da Cargill (TUP), no furo do Capim, na região das ilhas de Abaetetuba.



**Fonte:** Elaboração própria, adaptação do Google Earth.

O Território Pirocaba destaca-se pela liderança de mulheres que atuam na agricultura agroecológica, no extrativismo, no artesanato e na pesca, entre outras atividades realizadas em quintais produtivos e espaços de uso comum. Essas atividades proporcionam segurança alimentar, fonte de renda e conservação da natureza, inserindo-se nas economias feminista e popular que priorizam a reprodução social em vez da maximização do lucro.

A economia feminista se propõe a repensar conceitos e categorias com os quais, usualmente, se define, se mede e se estuda a economia, colocando em questão a suposta objetividade que a economia ortodoxa afirma possuir ao, de maneira prática e epistemológica, separar o que é produtivo do que é reprodutivo. Para Fernandez, sob o prisma teórico-metodológico, a economia feminista coloca a reprodução social em primeiro plano e "se propõe a desenvolver novas perspectivas e novas formas de ver o mundo social e econômico que permitam tornar visível o que tradicionalmente a disciplina tem mantido como oculto" (FERNANDEZ, 2018, p. 563).

Sendo assim, a economia feminista busca lançar luz sobre a importância da perspectiva de gênero – as relações entre os papéis sociais de homens e mulheres - na economia e sobre a necessidade de valorização e contabilização do trabalho do cuidado nos modelos e sistemas econômicos. Este trabalho, geralmente destinado às mulheres, é fundamental para a reprodução da vida. Sem ele nem a economia de mercado poderia se movimentar.

Por definição, apenas se consideram como pertencentes ao âmbito econômico aqueles bens e serviços que se destinam à transação mercantil, à troca no mercado, e aos quais por isso mesmo foi atribuído um preço de mercado. Todo tipo de atividade transformadora tradicionalmente realizada por mulheres, ou seja, todos os bens e serviços que são produzidos, realizados e consumidos dentro do espaço familiar, e pelos quais não seja cobrada uma contrapartida financeira, precisamente por este motivo permanecem fora do foco de interesse da economia tradicional (FERNANDEZ, 2018, p. 560).

Este artigo tem como objetivo compartilhar os resultados de pesquisa-ação planejada e desenvolvida com um grupo de mulheres do Território Agroextrativista Pirocaba, enfatizando a realização de oficinas de comunicação contra-hegemônica que deram origem ao *podcast* Vozes do Pirocaba. Considera-se pesquisa-ação aquela em que pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo para agir sobre um problema, conforme definição de Baldissera (2001).

A comunicação contra-hegemônica envolve a construção de processos de comunicação mais pluralistas, democráticos e questionadores. O debate sobre comunicação e contra-hegemonia vem se desenvolvendo em relação ao conceito de hegemonia, conforme definido pelo jornalista e filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937). Eduardo Coutinho, um dos principais estudiosos da obra de Gramsci no Brasil, observa:

Nossa hipótese sugere que a “potencialidade original” das reflexões de Gramsci sobre a comunicação consiste, justamente, em relacioná-la com a totalidade da vida social, compreendendo-a como cultura, práxis interativas, mediação entre sujeito e objeto. E, como tal, estará associada, no pensamento gramsciano, à problemática do Estado, das relações de poder, da hegemonia, isto é, da liderança intelectual e moral de um grupo social sobre o conjunto da

sociedade. Em última análise, todo processo de hegemonia é, necessariamente, um processo comunicacional (COUTINHO, 2008, p. 44).

O desafio desta pesquisa é pensar a comunicação contra-hegemônica em diálogo com as formas de resistência amazônicas desenvolvidas nos territórios e amplificar as vozes das mulheres que estão na linha de frente para denunciar as ameaças e anunciar formas de vida que se conectam com práticas de conservação da natureza, como a agroecologia amazônica. Procura-se enfocar, portanto, uma comunicação contra-hegemônica, feminista e de base territorial.

Observa-se que, para Foucault (1995), as diversas formas de resistência articulam-se em três principais tipos de luta: contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; e contra as formas de sujeição, ou seja, contra a submissão da subjetividade. Segundo o autor, essas três formas de resistência frequentemente se conectam, o que se confirma na experiência das mulheres do Território Pirocaba.

A participação das mulheres do Pirocaba no projeto das Cadernetas Agroecológicas, coordenado no Pará pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e pelo Fundo Dema, em parceria com a Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia (RMERA), está entre as motivações centrais para a sua participação na pesquisa, assim como as características políticas e socioterritoriais do Pirocaba.

As Cadernetas Agroecológicas foram desenvolvidas pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), em Minas Gerais, e pelo Grupo de Trabalho de Mulheres (GT-Mulheres), da Articulação Nacional da Agroecologia (ANA), com objetivo de mostrar que o trabalho das mulheres rurais é fundamental para a subsistência das famílias e está inserido no conjunto da economia (Figura 2). A partir do uso cotidiano das cadernetas, tem sido possível registrar, mensurar e visibilizar o trabalho das agricultoras agroecológicas e, ainda, contribuir para a promoção da sua autonomia e



área de impacto do projeto. Portanto, a comunicação contra-hegemônica se apresenta como uma ferramenta crucial na luta pela visibilização e defesa dos territórios tradicionais e do trabalho das mulheres na agroecologia.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa-ação é, para Thiollent, um tipo de pesquisa social em que “os pesquisadores e os participantes representativos da situação a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo” (THIOLLENT, 2022, n/p). Segundo o autor, a pesquisa-ação está voltada para uma ação ou à resolução de problema coletivo. Na situação do Pirocaba, destaca-se a necessidade de exercício do direito à comunicação por meio de ações de comunicação contra-hegemônica voltadas à luta pela permanência no território.

Incentivar uma relação dialógica entre pesquisadoras e mulheres agroextrativistas é outro pressuposto importante para esse trabalho. Acredita-se, em concordância com Paulo Freire, que a problematização do conhecimento por meio do diálogo constitui-se como forma de subverter a hierarquização e a separação entre os saberes técnico-científicos e os saberes construídos por meio das experiências e vivências no território. Freire critica trabalhos de extensão que pretendem levar conhecimentos aos camponeses sem considerar seus saberes.

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 2013, p. 29).

A etapa investigativa, primeira fase desta pesquisa-ação, valeu-se da observação participante como método para acompanhar as formações político-pedagógicas sobre as Cadernetas Agroecológicas. Também foi possível acompanhar as mulheres do Pirocaba em mobilizações contra os projetos

desenvolvimentistas que ameaçam seus territórios ocorridas em Abaetetuba e em Belém, entre 2022 e 2023. Dessa forma, estabeleceu-se aproximação e diálogo sobre a pesquisa e o projeto de comunicação contra-hegemônica, contemplando as preocupações das mulheres quanto à resistência no território.

A observação participante é um método útil quando o pesquisador está interessado na dinâmica de um grupo no seu meio natural, e não apenas em recolher respostas individuais às questões. “Para prover uma perspectiva holística e natural das matérias a serem estudadas, este método permite aos investigadores um bom caminho de observação” (MÓNICO *et. al.*, 2017, p. 727).

Foram efetivados três movimentos cruciais da pesquisa-ação neste período: a aproximação do Território Pirocaba e a criação de uma relação dialógica com as mulheres agroextrativistas; o contato com as lideranças para dialogar em torno da posposta de pesquisa sobre a comunicação contra-hegemônica; e a participação na vida política e sociocultural da comunidade, incluindo as manifestações em defesa dos territórios. Essa etapa fomentou o apoio mútuo e a confiança entre pesquisadoras e participantes da pesquisa.

A realização de entrevistas, conversas informais, anotações em caderno de campo e a observação participante apontaram que as lideranças no Pirocaba dispõem de formação política crítica e se constituem como sujeitos ativos na produção do conhecimento, assim como são agentes de transformação na comunidade, portanto estão aptas para a coparticipação no trabalho de pesquisa-ação, que envolve socialização de experiências e compartilhamento de conhecimentos teóricos e metodológicos (BALDISSERA, 2001).

A segunda etapa da pesquisa-ação iniciou com a realização da roda de conversa *Amplificar as vozes das mulheres: agroecologia e direito à comunicação*, em 18 de novembro de 2023, na Casa de Cultura Cabas de Fogo, localizada no espaço da ASAPAP. Com objetivo de compartilhar informações sobre o tema e ampliar o debate para um grupo de mais dez mulheres do

território – totalizando doze participantes - foi iniciado o projeto de comunicação contra-hegemônica, com ações discutidas e planejadas de forma compartilhada.

A Casa de Cultura (Figura 3), espaço construído pela comunidade em mutirão inaugurado no segundo semestre de 2023, foi organizada para o início das atividades pelas agroextrativistas. Neste local, elas realizam eventos, encontros, formações e celebrações. É também um lugar de aprendizagem, acolhimento e partilha de saberes, segundo definição delas, pois também produzem artesanato juntas no espaço.

**Figura 3** - Roda de conversa na Casa de Cultura Cabas de Fogo, território Pirocaba.



**Fonte:** Elaboração própria.

As agroextrativistas do Território Pirocaba realizaram a mística, momento de concentração e integração com recitação de poesias e cantigas que falam dos direitos das mulheres, na abertura da programação. Também depositaram, no centro da roda, suas Cadernetas Agroecológicas e itens da produção agroecológica - frutas, doces caseiros, biscoitos -, além das peças de

artesanato, como biojóias, brinquedos de miriti e um exemplar da publicação do Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada do Território Agroextrativista Pirocaba, utilizada como referência na roda de conversa.

Na primeira parte da roda de conversa, foi apresentada a proposta de pesquisa-ação para que as participantes pudessem contribuir com ideias e sugestões. Também foi apresentado o documento de autorização submetido à ASAPAP, conforme orientação expressa no Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada do Território Pirocaba, assim como o termo de autorização de uso de imagem.

O Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada é o documento que estabelece como uma determinada comunidade quer ser consultada sobre ações realizadas no território ou sobre projetos e empreendimentos que causem afetações aos seus modos de vida e práticas socioeconômicas, culturais ou ambientais, conforme estabelecido pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A realização de pesquisas acadêmicas também precisa ser autorizada conforme as indicações do PCPLI, que no caso do Pirocaba foi elaborado como resultado de um longo processo de amadurecimento e discussão da comunidade sobre seus direitos com apoio da FASE, do Fundo Dema e do Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado do Pará (DPE), em 2018.

As agroextrativistas deixaram claro que gostariam de ser identificadas na pesquisa e nos produtos de comunicação com seus nomes, sobrenomes e imagens por quatro motivos principais: por tratar-se de pesquisa sobre comunicação e visibilidade; pelo protagonismo que assumiram na pesquisa fazendo escolhas e experimentações, tornando-se referência para outros territórios; pela necessidade de registro da história das atividades desenvolvidas como exemplo para as próximas gerações; por sua participação em outras pesquisas e reportagens de abrangência local e nacional em que foram identificadas com nomes e imagens.

A roda de conversa foi escolhida como método para incentivar uma comunicação espontânea e horizontalizada, de forma que a pesquisadora – externa ao território – pudesse dialogar como mediadora no processo. A primeira roda-de-conversa foi aberta com opiniões e relatos sobre a importância da comunicação enquanto direito. Para estimular e preparar as participantes para o diálogo, foi realizada uma leitura comentada do Capítulo V da Constituição Federal de 1988, que trata sobre a Comunicação Social entre os artigos 220 e 224.

A diversidade e a regionalização da produção dos veículos de comunicação, previstas no art. 221, chamaram atenção das mulheres do Pirocaba. Isso porque, na prática, essas características são pouco presentes, principalmente nas emissoras de televisão, visto que o artigo citado não foi regulamentado até hoje. O art. 221 também prevê que a programação das rádios e TVs deve dar preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; além de promover a cultura nacional e regional, estimulando as produções independentes com essa finalidade.

O relato de uma das principais lideranças do Território Pirocaba, Daniela Araújo, durante a roda de conversa, estabeleceu relação entre a ausência do direito à comunicação e as dificuldades encontradas na luta pela permanência nos territórios de Abaetetuba. O silenciamento e a invisibilização das populações tradicionais amazônicas, estudados por autores como Dutra (2009) e Costa (2022), favorece a territorialização do capital transnacional vinculado ao agronegócio em detrimento das formas de produção e de reprodução social ligadas às territorialidades amazônicas.

A questão da comunicação nos territórios é muito difícil. Nós mulheres agora que temos mais acesso ao celular. Temos emissoras de rádios em Abaetetuba, mas é muito difícil eles virem no território pra nos escutarem sobre a nossa realidade. Nós percebemos a importância da comunicação quando começamos a luta pela permanência no território. Nós estamos aqui, mas é como se não estivéssemos. Sem essa visibilidade fica muito fácil pras grandes empresas dizerem que aqui não tem pessoas, não tem pescadores ou áreas de pesca, como eles fazem. Foi aí que percebemos que precisamos da comunicação pra dizer quem somos, o que é

o território Pirocaba, como vivemos, o que a gente produz aqui... Isso é muito importante. Criamos o grupo da resistência dentro do território pra nos mobilizar, pelo WhatsApp, e passamos a mostrar o que temos nos nossos quintais, nossa produção. Mas precisamos aprender muito mais sobre comunicação porque não queremos que falem por nós. Esse direito à comunicação todas nós precisamos ter (DANIELA ARAÚJO, informação verbal, 2024<sup>3</sup>).

O planejamento prévio, a organização e o engajamento coletivo foram fundamentais para o bom aproveitamento da roda de conversa como metodologia. A troca de ideias fluiu de forma livre e horizontal, como planejado. Os conteúdos despertaram reflexões sobre a importância da comunicação como forma de propagar os anúncios do Pirocaba, assim como para denunciar os problemas que mais preocupam a comunidade, como a luta pela permanência no território e sua relação com a conservação da natureza, prevista no Plano de Gestão Territorial da Comunidade Pirocaba (2022).<sup>4</sup>

Observa-se aqui a conexão com a reflexão de Porto-Gonçalves sobre o conceito de território, que deixou de ser pensado como a base física da soberania do Estado, tal como consagrado no direito internacional, e passou a ser enxergado como o processo de apropriação e controle do espaço, das pessoas e da natureza, “revelando as tensas relações de poder que lhes são constitutivas” (2014, p. 13). O autor observa que essa apropriação da natureza também apresenta uma forte dimensão simbólica, acompanhada por uma intensa luta pelos sentidos a ela atribuídos, o que se conecta com a relevância da comunicação contra-hegemônica neste embate.

Avaliou-se ainda, como estratégia metodológica, a importância da leitura, contextualização e do debate sobre a ausência do direito à comunicação – previsto na Constituição Federal de 1988 – antes de partir para a etapa que comporta a experiência prática, pois também se considera que “não é possível ensinar técnicas sem problematizar toda a estrutura em que se darão estas técnicas” (FREIRE, 2013, p. 54).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Oficina de Comunicação Agroecológica, Feminista e Popular foi realizada no dia 13 de janeiro de 2024 como resultado dos primeiros movimentos da pesquisa-ação. Sugerimos atividades como produção de fotografia, vídeo ou áudio para *podcast* como possibilidades para esta primeira experiência. As participantes optaram por produzir imagens e um *podcast* para circular no *WhatsApp*.

A oficina de produção de imagens abordou técnicas básicas e dicas sobre enquadramento e iluminação, por exemplo. A preparação também incluiu conversa e reflexão sobre o poder da imagem para transmitir os anúncios e os problemas enfrentados pela comunidade; o visível e o invisível na cotidianidade do território; assim como sobre a percepção da fotógrafa como protagonista do processo de comunicação (MARTINS, 2017).

A escolha de temas fotográficos conforme interesses indicados por elas também foi debatida no grupo. Tratou-se, principalmente, sobre a necessidade de “reconversão do olhar” para encontrar momentos, paisagens, elementos e cenas que passam despercebidas no cotidiano, mas são significativas para mostrar o que existe de valioso no território: a produção agroecológica, a conservação da natureza, as manifestações culturais, o trabalho coletivo, entre outros temas que podem ser fotografados, registrados e utilizados na comunicação interna e externa e para compor a memória do território.

Finalizada a sessão de fotografias (Figura 4), as imagens produzidas pelas mulheres foram compartilhadas no grupo e foi realizada uma rodada de avaliações sobre a primeira parte da atividade. A agroextrativista Lidiane Vilarino acredita que fará imagens mais elaboradas depois de participar da oficina

porque antes eu não pensava em nada antes de fotografar. Só apontava o celular e tirava a foto. Não sabia nem como centralizar a imagem, reparar a luz. Depois da oficina, o resultado vai ser bem melhor porque vou pensar no que eu quero contar com aquela imagem (L. VILARINO, informação verbal, 2024<sup>5</sup>).

**Figura 4** - Canteiro coletivo de plantas medicinais fotografado na oficina de imagens.



**Fonte:** Mulheres do Território Agroextrativista Pirocaba.

Daniela Araújo refletiu sobre a importância da imagem como registro do trabalho das agroextrativistas e da luta pela permanência nos territórios, além de melhores condições de vida. Alguns meses mais tarde, a liderança compartilhou imagens do processo de luta pela ampliação da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Delcleciana Pereira de Araújo, a única localizada no território. A escola estava sem salas de aula para atender as turmas mais avançadas, que seriam remanejadas pela Secretaria Municipal de Educação para escolas localizadas em outros territórios, o que dificultaria o acesso das crianças à educação.

Lembrei do que conversamos na oficina sobre a força das imagens e começamos a divulgar os registros dos nossos protestos nas redes sociais e nos grupos de WhatsApp que contavam com representantes da Secretaria Municipal de Educação. Dessa forma, conseguimos reverter a situação e nossas crianças não terão que sair do território para estudar (DANIELA ARAÚJO, informação verbal, 2024).

Por meio de protestos registrados e divulgados na Internet, especialmente no Facebook do Território Pirocaba, a comunidade conseguiu, pela primeira vez, a presença do secretário municipal de educação no território, que encontrou uma solução provisória para manter os estudantes no Pirocaba até a conclusão das obras de ampliação da escola, conforme reivindicação do território.

Daniela observou que o grupo só conseguiu a reunião e uma solução porque deu visibilidade ao problema. “Isso confirma a importância da comunicação pras nossas lutas. Se as crianças fossem estudar em outro lugar, seria transtorno pra elas, pras mães e pra todo o território, com impactos no nosso trabalho e na segurança delas” (DANIELA ARAÚJO, informação verbal, 2024).

Além da oficina de imagem, o grupo de mulheres do Pirocaba escolheu participar de oficinas de *podcast* buscando valorizar a importância da oralidade para a comunicação nos territórios amazônicos. O grupo escolheu Vozes do Pirocaba para denominar o *podcast*, entre as diversas sugestões das participantes. A denominação coloca em destaque a necessidade de narrar as histórias do território a partir das suas vivências e percepções internas.

Desde o início das oficinas, o grupo apontou que gostaria de utilizar o aplicativo de mensagens *WhatsApp* para distribuir o conteúdo produzido. O *Whatsapp* tem sido usado com frequência não só para as comunicações internas, mas também para a comunicação entre territórios, no Baixo Tocantins. A vantagem, segundo informaram, é que “todo mundo tem” e não há necessidade de planos de internet com custo alto para utilizá-lo.

Para efeito deste artigo focaremos na análise dos dois primeiros “episódios” do *podcast* Vozes do Pirocaba, considerando sua produção e gravação como instrumentos de pesquisa-ação e como resultado do processo de discussão sobre comunicação e contra-hegemonia, visto que a experiência pode ser replicada, tendo apresentado alcance maior do que esperado no planejamento.

O tema escolhido pelo grupo como primeiro episódio do *podcast* foi o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), do Governo Federal. O Território Agroextrativista Pirocaba foi inserido no PAA, em 2023, quando as mulheres já haviam participado de várias formações das Cadernetas Agroecológicas, o que contribuiu para a diversificação e valorização da produção agroecológica.

As mulheres contaram que antes da adesão ao PAA, os preços dos seus produtos estavam muito baixos no mercado. Também relataram dificuldades para transportar a produção até o centro de Abaetetuba ou para Belém. Com a incorporação do território ao PAA, a produção passou a ser vendida por valores acima do que conseguiam no mercado e, portanto, mais justos. Outro fator positivo avaliado por elas é que o caminhão do programa se desloca até o território periodicamente para recolher a produção agroecológica.

Após os relatos das experiências na roda, foi construído um roteiro alinhando depoimentos delas como protagonistas do PAA no território. Daniela Araújo e Rosa Maria Vilarino foram escolhidas para fazer a locução do *podcast*. Daniela Araújo, Lidiane Vilarino e Milena Vasconcelos ficaram responsáveis por contar suas experiências e avaliar a participação no PAA. As demais participantes auxiliaram na produção e na gravação.

A ideia foi incentivá-las a vivenciar esse primeiro encontro com a comunicação popular e feminista de forma mais lúdica e experimental, reconhecendo que todas têm saberes importantes a serem compartilhados (FREIRE, 2014). Privilegiou-se a sensibilidade para compreender a singularidade do processo vivenciado por elas, mais do que a preocupação com as normas da comunicação exigidas no mercado profissional.

A importância do processo de construção coletiva do *podcast* como experiência que pode estimular a comunicação em outros territórios também foi tema de análise. A união do grupo e o apoio mútuo em torno dos projetos coletivos foram analisados como fatores fundamentais para a realização da pesquisa-ação. Em tempos de individualismo exacerbado incentivado pelo capitalismo,

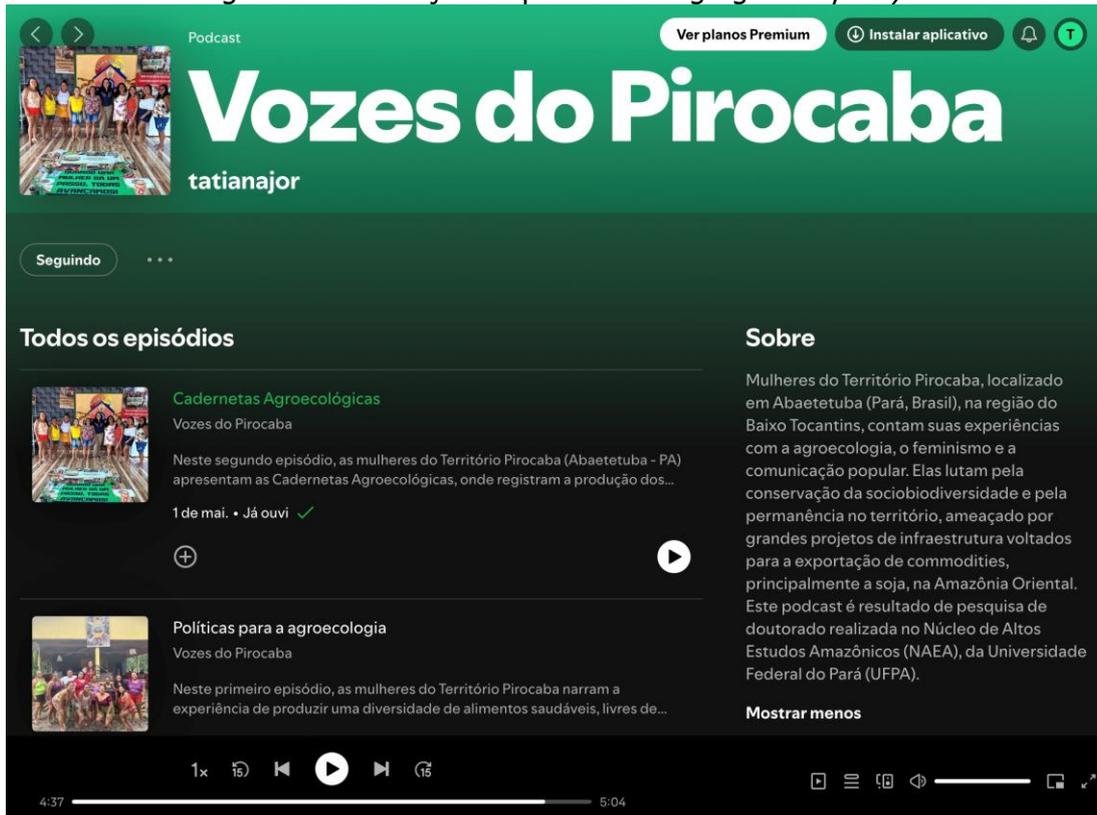
esse forte senso de coletividade traduz-se como vantagem para os futuros projetos de comunicação desenvolvidos pelas mulheres no Pirocaba. A seguir o depoimento de Dayane Araújo sobre a oficina:

Essa experiência foi uma construção feita com muita união e apoio entre a gente, né? Todo mundo contribuiu. Algumas pessoas ainda não se sentiam à vontade pra falar, mas vai chegar o tempo que vão se indicar: “eu quero falar”. Tenho certeza de que, naquele momento, algumas de nós nem tinha ouvido falar sobre o que é um *podcast*. Então foi um aprendizado valioso sobre formas diferentes de comunicação e sobre como essa experiência pode valorizar o território, o nosso trabalho e a luta por mais direitos. Por isso queremos agradecer a paciência e os ensinamentos. Estou muito feliz e com vontade de seguir na construção dessa comunicação junto com todas vocês (DAYANE ARAÚJO, informação verbal, 2024<sup>6</sup>).

Após a edição, o primeiro episódio do *podcast* foi enviado ao grupo de mulheres participantes da pesquisa-ação. O resultado foi compartilhado com outras famílias do Pirocaba e com os demais territórios parceiros nas lutas do Baixo Tocantins, e posteriormente, em 1º de maio de 2024, publicado nos agregadores de *podcast* *Spotify*, *Apple Podcasts* e *Amazon Music* com o título Vozes do Pirocaba<sup>7</sup> (Figura 5). O resultado também foi publicado no perfil da FASE nacional no Instagram, com repercussão positiva para o território Pirocaba e, principalmente, para o grupo de mulheres que atuam na pesquisa-ação.

O terceiro encontro organizado com as agroextrativistas foi a “Oficina de Comunicação Feminista e Popular: Cadernetas Agroecológicas e os anúncios do Território Pirocaba”, realizada em abril de 2024. A experiência do grupo com as Cadernetas Agroecológicas foi escolhida como tema da segunda edição do *podcast* Vozes do Pirocaba. O objetivo da escolha foi divulgar a importância das cadernetas para mais mulheres da comunidade e de outros territórios amazônicos.

Figura 5 - Publicação do podcast no agregador *Spotify*.



Fonte: Elaboração própria.

Além da realização da reflexão coletiva preparatória, foi solicitado que as agroextrativistas contassem suas experiências individuais com a utilização da Cadernetas Agroecológicas. Todas elas lembravam das transformações que ocorreram após participarem das formações político-pedagógicas e iniciarem o registro dos valores correspondentes aos itens da produção agroecológica consumidos, doados, trocados ou vendidos. Rosa das Graças Vilarino avaliou que cadernetas foram fundamentais para a organização das mulheres.

Gosto muito das cadernetas porque antes a gente não tinha qualquer organização. A gente vendia nossa produção e não anotava nada, não existia essa preocupação. Com as anotações eu percebi o quanto economizamos em casa com tudo o que produzo no quintal. Tenho limão, coco, toranja, cacau, banana, abacaxi, cupuaçu, goiaba, além das verduras e legumes. Isso tudo é economia porque não compramos na feira ou no supermercado e tudo o que eu vendo tem gerado uma boa renda. Então, precisamos comunicar tudo isso e mostrar que é possível produzir e preservar nosso território ao mesmo tempo (R. G. VILARINO, 2024).

Neste segundo episódio, mais mulheres participaram de forma espontânea com seus depoimentos. Acredita-se que a repercussão e a experiência do primeiro *podcast* contribuíram para aumentar a pluralidade de vozes. Elas optaram por iniciar o *podcast* explicando o que são as Cadernetas Agroecológicas, relembrando a chegada dessa ferramenta ao território em 2018, por meio da FASE e do Fundo Dema. Dilmara Araújo reforçou no episódio que a caderneta não é apenas instrumento de anotação.

É importante entender que a caderneta agroecológica não é somente um instrumento de anotação. Ela nos ajudou a organizar, a diversificar e a visibilizar a nossa produção, com isso nos deu a oportunidade de participação em feiras e intercâmbios, fortalecendo os quintais produtivos e a sociobiodiversidade do território (DILMARA ARAÚJO, 2024).

Daniela Araújo avaliou as cadernetas agroecológicas como instrumentos de resistência e comunicação, que revelaram o trabalho e a diversidade da produção das mulheres do Pirocaba. “A caderneta comprova que temos muita produção, sem veneno, e assim garantimos nossa soberania alimentar e a conservação da natureza” (DANIELA ARAÚJO, 2024).

Rosa Maria Vilarino conectou a fala de Daniela com a defesa dos territórios. “Isso mesmo, Daniela. As cadernetas nos mostram porque é tão importante a nossa permanência no território, para protegê-lo, assegurando o bem viver das futuras gerações” (R. M. VILARINO, 2024). A edição do segundo episódio do *podcast Vozes do Pirocaba* foi concluída e lançada no dia primeiro de maio de 2024, Dia da Trabalhadora e do Trabalhador.

No Instagram da FASE, o episódio Cadernetas Agroecológicas alcançou 1.218 reproduções até o final de junho de 2024. O número de reproduções foi quase 30% maior em comparação com o primeiro episódio sobre o PAA, que obteve 860 reproduções. Na avaliação final, as agroextrativistas ressaltaram a importância do tema do PAA e das cadernetas porque a visibilidade do trabalho das mulheres e da produção agroecológica é muito necessária por conta do aumento do assédio aos territórios do Baixo Tocantins seja por projetos de instalação de infraestrutura ou por propostas que envolvem o mercado de

créditos de carbono, entre outras ameaças.

### 3 CONCLUSÕES

A produção de imagens pelas agroextrativistas, a realização das rodas de conversa sobre direito à comunicação e do *podcast Vozes do Pirocaba* alcançaram o objetivo de amplificar os anúncios e as denúncias do território, conforme a avaliação das participantes e o alcance dos episódios do *podcast* verificado em número de reproduções. Tão importante quanto esses resultados foram as reflexões levantadas pelo grupo sobre a luta pelos direitos das mulheres conectados aos direitos socioambientais, territoriais e ao direito à comunicação.

A produção do *podcast Vozes do Pirocaba* configura-se como uma das etapas mais importantes da pesquisa-ação, pois foi possível realizar o processo completo para a produção de dois episódios do *podcast*, incluindo debates sobre os temas escolhidos, preparação de roteiros, gravação, edição e divulgação do material concluído, com a participação e o protagonismo das mulheres em todas as principais etapas.

Habilidades como a escrita de textos, a seleção de informações prioritárias e a elaboração de questionamentos críticos mostraram-se essenciais para a disseminação dos anúncios positivos do território e para a denúncia de injustiças, promovendo uma comunicação crítica, horizontal e participativa. Trata-se, portanto, de uma comunicação contra-hegemônica de base territorial, discutida e colocada em prática no território.

A partir do diálogo com a obra de Gramsci, acredita-se que o enfrentamento e a resistência aos interesses hegemônicos, aqui representados pela territorialização do capital transnacional, passam pelo reconhecimento sobre a importância da comunicação contra-hegemônica. Coutinho (2008) observa que todo processo de hegemonia é também um processo comunicacional. Pela

comunicação, formam-se e transformam-se as ideologias que agem ética e politicamente na transformação da história.

Quanto às dificuldades e limitações encontradas no desenvolvimento da pesquisa, é fundamental tratar sobre a pandemia da Covid-19, que matou em três anos mais de 700 mil brasileiros, informação atualizada pelo Ministério da Saúde em março de 2023. O início do trabalho de campo foi prejudicado em função das restrições sanitárias e da necessidade de cautela quando se trata de interagir com mulheres de territórios tradicionais, lembrando que, em geral, elas são as responsáveis pelos cuidados com crianças e idosos.

Também reconhecemos como desafios a dificuldade de acesso ao Território Pirocaba no inverno amazônico e a sobrecarga de trabalho de cuidado das mulheres do território, que também foi intensificada como consequência da pandemia. Essas limitações influenciaram a participação de algumas delas nas oficinas e nas rodas de conversa iniciadas em 2023.

Os resultados não encerram a pesquisa no Território Agroextrativista Pirocaba, nem tampouco esgotam a necessidade de investigação teórica sobre os temas abordados. Acredita-se que a principal contribuição desta pesquisa está na construção de uma comunicação contra-hegemônica, agroecológica, feminista e popular com o grupo de mulheres agroextrativistas. Um processo que é método, mas também produção de conhecimento, na medida em que experimenta, no fazer, a realidade territorial e a narrativa daquelas que constituem esta territorialidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **Propostas para comunicação agroecológica**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2020.

ARAÚJO, Daniela. Podcast Vozes do Pirocaba, Episódio 02. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3GrjAPNa7BB8WFdor1H8i4>. Acesso em: 02 ago. 2024.

ARAÚJO, Dilmara. Podcast Vozes do Pirocaba, Episódio 02. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3GrjAPNa7BB8WFdor1H8i4>. Acesso em: 02 ago. 2024.

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001.

ASAPAP, Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesões do Pirocaba. Coordenação Comunitária de Consulta Prévia, Livre e Informada. **Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada**. Abaetetuba: FASE Amazônia, 2018.

ASAPAP, Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesões do Pirocaba. Coordenação Comunitária de Consulta Prévia, Livre e Informada. **Plano de Gestão Territorial da Comunidade Pirocaba**. Abaetetuba, 2022.

BENEDITO, F. **Comunicação feminista e popular**: processos, aprendizados e práticas das mulheres em movimento. Sempreviva Organização Feminista. 08 mar. 2022. Disponível em: <https://www.sof.org.br/comunicacao-feminista-e-popular-processos-aprendizados-e-praticas-das-mulheres-em-movimento/>. Acesso em 03 jun. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 02 mar. 2024.

CARDOSO, M; RODRIGUES, J; SOBREIRO FILHO, J. Territorialização portuária na Amazônia e suas implicações em “territórios tradicionais” no Baixo Tocantins–Abaetetuba–PA. **Estudos Geográficos**: Revista Eletrônica de Geografia, v. 20, n. 1, p. 215-237, 2022.

COSTA, V. M. T. **À sombra da floresta**: a Amazônia no jornalismo de televisão. Belém: Editora Paka-Tatu, 2022.

COUTINHO, E. G.; PAIVA, R. **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

DE MORAES, D; RAMONET, I; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**: Da concentração monopólica à democratização da comunicação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

DUTRA, M. **A natureza na mídia**: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade e os povos da floresta. São Paulo: Anablume, 2009.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FERNANDEZ, B. **Economia feminista**: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 38, p. 559-583, 2018.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

GAGO, V. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2017.

MÓNICO, L.; ALFERES, V.; DE CASTRO, P.; PARREIRA, P. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa**. CIAIQ 2017, v. 3, 2017.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A reinvenção dos territórios na América Latina/Abya Yala**. Conceptos y fenómenos fundamentales de nuestros tempos. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2012.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A reapropriação social da natureza e a reinvenção dos territórios: uma perspectiva latino-americana. **Revista ALASRU**, n. 10, p. 63-86, 2014.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o corpo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez editora, 2022.

VILARINO, R. G. Podcast Vozes do Pirocaba, Episódio 02. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3GrjAPNa7BB8WFdor1H8i4>. Acesso em: 02 ago. 2024.

VILARINO, R. M. Podcast Vozes do Pirocaba, Episódio 02. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3GrjAPNa7BB8WFdor1H8i4>. Acesso em: 02 ago. 2024.

WEITZMAN, R.; SCHOTTZ, V.; PACHECO, M. E. L. Mulheres construindo a agroecologia: caminhos para a soberania e segurança alimentar e nutricional. *In*: RODY, T., TELLES, L. (org.) **Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas**. Viçosa: Editora Asa Pequena, 2021, p. 114-148.

---

#### 1Notas:

Esta pesquisa foi realizada com apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio de bolsa de estudos concedida entre junho de 2021 e setembro de 2023.

<sup>2</sup> Pequena embarcação motorizada, como uma canoa, muito utilizada nos rios da Amazônia.

<sup>3</sup> Depoimento cedido durante Roda de Conversa. Território Agroextrativista Pirocaba, fevereiro de 2024.

<sup>4</sup> O Plano de Gestão Territorial (PGT) do território Pirocaba é o principal instrumento relacionado à organização territorial e à preservação ambiental, resultado de oficinas e discussões realizadas em

reuniões com apoio da FASE. O Plano de Gestão dialoga com o Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada da Comunidade.

<sup>5</sup> Depoimento cedido durante Roda de Conversa. Território Agroextrativista Pirocaba, fevereiro de 2024.

<sup>6</sup> Depoimento cedido durante Roda de Conversa. Território Agroextrativista Pirocaba, fevereiro de 2024.

<sup>7</sup> Todos os episódios da série Vozes do Pirocaba podem ser encontrados em <https://open.spotify.com/show/3GrjAPNa7BB8WFdor1H8i4>

---

## **SOBRE AS AUTORAS:**

### **Tatiana Nazaré Amaral Ferreira Reis**

Doutora em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Integra o Grupo de Pesquisa ReExisTerra (CNPq).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5460-1903>

E-mail: [tatianajor@gmail.com](mailto:tatianajor@gmail.com)

### **Marcela Vecchione Gonçalves**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Co-coordenadora dos projetos Climatizando o Ambiente (financiado pelo CNPq) e Centralizando o Processo de Construção de Acordos Ambientais na e para a Floresta Amazônia (financiado pelo Academia Britânica de Ciências). Líder do Grupo de Pesquisa ReExisTerra (CNPq).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9171-5161>

E-mail: [marcela.vecchione@gmail.com](mailto:marcela.vecchione@gmail.com)

**Artigo recebido em: 07 jun. 2024. | Artigo aprovado em: 27 set. 2024.**